
O pensamento de Michel Foucault na teoria das organizações

Fernando C. Prestes Motta (In Memoriam)
Rafael Alcadipani

RESUMO

As obras de Michel Foucault exercem influência em várias áreas das ciências humanas. Esse fato se repete em teoria das organizações, domínio em que as idéias foucaultianas estão sendo empregadas fundamentalmente para trazer novas luzes para as discussões sobre poder nas organizações. Apesar da influência significativa na área, não há discussões sobre como as obras de Michel Foucault estão sendo utilizadas. Neste artigo, tem-se por objetivo sistematizar os estudos que utilizaram as idéias de Michel Foucault em teoria das organizações, problematizá-los e indicar alguns caminhos para o desenvolvimento desse tipo de análise. De uma forma geral, percebe-se que a produção acadêmica em teoria das organizações baseada nas obras de Michel Foucault trata majoritariamente das disciplinas e deixa de lado outros aspectos da análise do poder. Ademais, há uma adoção simplificada da análise do poder e uma junção acrítica de conceitos e noções oriundas de diferentes matrizes epistemológicas, além da inadequação da designação **pós-moderno** para classificar as obras de Michel Foucault e suas utilizações em teoria das organizações. Como desenvolvimentos factíveis, indicam-se as possíveis análises em teoria das organizações pelo uso das noções de biopolítica e governamentalidade.

Palavras-chave: poder, análise das organizações, Michel Foucault.

1. INTRODUÇÃO

Michel Foucault destaca-se como um dos principais pensadores contemporâneos. Suas obras têm servido de base para reflexões e problematizações em vasta gama de áreas que vão desde as artes e a dança até a literatura e o direito (PORTOCARRERO e BRANCO, 2000). Atualmente, esse fato se repete no campo da teoria das organizações. Üsdiken e Pasadeos (1995), em uma análise bibliométrica, constataram que Michel Foucault era o sétimo autor mais citado no periódico *Organization Studies*, logo atrás de Max Weber. Há coletâneas que versam especificamente sobre a influência do pensamento de Michel

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa que resultou neste artigo e à RAUSP pelas sugestões de melhoria do texto. Artigo dedicado a Cristina e Carolina.

Recebido em 09/maio/2003
Aprovado em 14/abril/2004

Fernando C. Prestes Motta, falecido em 2003, era Professor Titular do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (CEP 01313-902 – São Paulo/SP, Brasil) e Conselheiro Editorial da Revista de Administração da Universidade de São Paulo.

Rafael Alcadipani, Mestre em Administração de Empresas pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, é Doutorando em Análise das Organizações na *Manchester School of Management* – UMIST, Inglaterra, bolsista da CAPES e Professor do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (CEP 01313-902 – São Paulo/SP, Brasil).
E-mail: r.silveira@postgrad.umist.ac.uk
Endereço:
Flat 2 Princess House
144 Princess Street
M17EP – Manchester
United Kingdom

Foucault em análise organizacional (McKINLAY e STARKEY, 1998) e números especiais de periódicos com o mesmo tema (THEMED..., 2002).

Assim, o pensamento foucaultiano exerce influência significativa na teoria das organizações em sua vertente crítica (KNIGHTS, 2002). A literatura tem demonstrado que as obras de Michel Foucault são extremamente úteis para discutir a questão do poder nas organizações (BURRELL, 1988; McKINLAY e STARKEY, 1998; KNIGHTS, 2002). Contudo, não se encontra sistematização alguma sobre como tais obras estão sendo utilizadas pelos teóricos organizacionais.

Diante disso, o objetivo neste artigo é sistematizar os estudos que utilizaram as idéias de Michel Foucault em teoria das organizações, problematizá-los e indicar alguns caminhos para o desenvolvimento desse tipo de análise. Para tanto, no tópico a seguir serão indicadas as origens da utilização de noções foucaultianas em teoria das organizações. No tópico 3, discorrer-se-á sobre a analítica do poder foucaultiana. No quarto tópico, será apresentado um levantamento sobre os artigos que utilizaram as obras de Michel Foucault em teoria das organizações. Após isso, serão problematizados os usos das noções foucaultianas nessa área de estudo. Por fim, apresentar-se-ão as conclusões e indicar-se-ão algumas possibilidades de desenvolvimento da aplicação de noções foucaultianas, a partir de sua analítica do poder.

2. AS ORIGENS DO PENSAMENTO FOUCAULTIANO NO CAMPO DE TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES

Até meados da década de 1980, as idéias de Michel Foucault não encontravam muitos entusiastas no campo. Burrell (1996) relata que, no início dessa década, ele e um grupo de pesquisadores da Universidade de Lancaster tomaram contato com a obra de um “certo filósofo francês” chamado Michel Foucault por meio da leitura do livro *Vigiar e Punir*. Após conhecer a obra do pensador, Burrell (1996, p. 454) afirmou: “Minha reação pessoal ao ler aquele texto foi um importante deslocamento de *Gestalt*, no qual os padrões de mundo passaram a ser vistos por lentes novas e aperfeiçoadas”. Ele conta que descobriu uma nova perspectiva que, a seu ver, poderia ser extremamente útil para a compreensão das organizações ao trazer novas luzes para o processo de organizar e para o tema do poder em teoria das organizações.

Entusiasmados que estavam com as descobertas sobre o novo autor, Burrell e outros pesquisadores escreveram um texto sobre as possíveis contribuições do pensamento de Michel Foucault para a teoria das organizações e o submeteram a apreciação, em 1984, para que fosse publicado na *Administrative Science Quarterly*. Após um longo período de revisão, os avaliadores rejeitaram o artigo questionando a relevância de um “filósofo francês ‘desconhecido’ e perguntaram o que uma audiência americana poderia apreender com esse tipo de pensamento” (BURRELL, 1996, p.454). No entanto, as idéias de

Michel Foucault são hoje amplamente utilizadas pelos teóricos organizacionais. Até mesmo o periódico que rejeitou a relevância da perspectiva do pensador para a teoria das organizações publica artigos foucaultianos (BARKER, 1993; SEWELL, 1998). Como essa alteração aconteceu?

Na busca pelas origens da utilização das idéias de Michel Foucault, e analisando o desenvolvimento das diferentes perspectivas nessa área de estudo, é possível constatar que tal introdução foi viável graças à **quebra** do domínio absoluto da perspectiva funcionalista sobre o campo, o que possibilitou o desenvolvimento de vertentes teóricas críticas.

Até o final da década de 1960, a teoria das organizações vivia uma fase de desenvolvimento controlado por um acordo tácito a respeito de métodos, metodologias, perspectivas de análise e base epistemológica (BURRELL, 1996). Durante esse período, havia predomínio absoluto e incontestável da teoria organizacional funcionalista (BURRELL e MORGAN, 1979). Todavia, essa época de **ciência normal** foi abalada pela publicação de algumas obras (WEICK, 1969; SILVERMAN, 1971; BRAVERMAN, 1974; BURRELL e MORGAN, 1979) que trouxeram olhares diferentes do funcionalismo para a análise do objeto organização e tiveram o poder de abrir a **caixa de Pandora** na teoria das organizações, gerando pluralidade de alternativas à visão dominante, as quais se ampliaram ao longo do tempo (CLEGG, HARDY e NORD, 1996).

Na década de 1980, autores como Baudrillard, Lyotard e Derrida, tidos como pós-modernos, passaram a ser cada vez mais utilizados nas ciências humanas (BAUMAN, 1988a e 1988b; FEATHERSTONE, 1988), gerando grande debate entre os defensores da perspectiva modernista e da pós-modernista que persistiu até recentemente (SOKAL e BRICMOT, 1999). Os debates que ocorriam nas ciências sociais passaram, no final dos anos 1980, a afetar a forma de produzir conhecimento em teoria das organizações (COOPER e BURRELL, 1988; CALÁS e SMIRCICH, 1999), pois, com o rompimento do domínio absoluto da perspectiva funcionalista, a área estava aberta para as visões alternativas à dominante.

Foi no contexto da efervescência do debate entre modernistas e pós-modernistas nas ciências sociais que Gibson Burrell (1988) publicou artigo que tratava das novas possibilidades que uma abordagem foucaultiana oferecia para a teoria das organizações. A partir desse debate, as obras de Michel Foucault começaram a ser utilizadas de forma mais marcante na teoria das organizações, pois as idéias do autor foram consideradas como pós-modernas pelos pesquisadores organizacionais (BURRELL, 1988 e 1996; CALÁS e SMIRCICH, 1999; KNIGHTS, 2002).

Outro fato que contribuiu para difundir o uso das obras de Foucault para o estudo das organizações foi o emprego de sua **epistemologia** para renovar o debate na *Labour Process Theory* (LPT). A LPT fora marcada por grande ênfase em explicações marxistas para a análise do processo de trabalho e do controle das organizações sobre seus funcionários. O seu foco eram as

relações objetivas de trabalho e de classe social. Além do próprio Karl Marx, a obra de Braverman (1974) serviu durante muito tempo como base teórica fundamental para os teóricos da LPT.

Todavia, partindo dos escritos de Michel Foucault, Knights e Willmott (1989) analisaram o processo de subjugação no ambiente de trabalho e atacaram as abordagens marxistas por enfatizarem somente a exploração econômica e deixarem de lado o modo como as relações de poder constituem os sujeitos e suas subjetividades. O artigo em questão realizou uma ruptura na tradicional LPT e criou uma nova corrente: a chamada *Manchester School of Foucauldian Labour Process Theory* (WRAY-BLISS, 2002). Essa nova perspectiva gerou uma série de artigos durante toda a década de 1990 e, também, debates entre esses estudiosos, principalmente devido aos ataques mútuos entre os teóricos de base marxista e foucaultiana (PARKER, 1999; WRAY-BLISS, 2002).

Atualmente, a *Critical Management Studies* (CMS) (ALVESSON e WILLMOTT, 1996 e 1997; FOURNIER e GREY, 2000; THEMED..., 2002), corrente teórica que procura submeter a administração e as organizações ao crivo crítico, tem sido de fundamental importância para a propagação de perspectivas críticas em estudos organizacionais, pois esse movimento acaba por cumprir uma função política de legitimar essas perspectivas no campo da teoria das organizações. A CMS, que inclui teorias modernistas de base marxista, teorias pós-estruturalistas e teorias feministas, está desempenhando papel fundamental na legitimação e na defesa da abordagem foucaultiana para os estudos organizacionais, pois é uma abordagem crítica muito utilizada nos dias de hoje (FOURNIER e GREY, 2000).

Dessa forma, o desenvolvimento da **análise organizacional pós-moderna** e os desdobramentos das discussões na *Labour Process Theory* fizeram com que as idéias e o pensamento do “filósofo francês desconhecido” passassem a ser aceitos e largamente utilizados por teóricos organizacionais. O movimento da CMS desempenhou papel importante na continuidade da utilização das idéias foucaultianas em análise organizacional. Contudo, como Michel Foucault tratou da questão do poder em suas obras? A resposta a essa indagação é o tema do próximo tópico.

3. A ANALÍTICA DO PODER NO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT

Aqui será apresentada uma visão geral sobre as obras de Michel Foucault que versam sobre a questão do poder. Esta exposição é feita neste ponto porque servirá de subsídio para a compreensão das demais partes deste artigo. No entanto, dadas a complexidade e a abrangência das obras foucaultianas, trata-se de uma discussão superficial, em que se tenta situar as principais características do seu pensamento* sobre a questão do poder. Antes, porém, discorrer-se-á a respeito das diferentes **etapas** do pensamento de Michel Foucault.

3.1. Etapas da obra foucaultiana

As obras de Foucault distribuem-se ao longo de três **etapas**: Arqueologia, Genealogia e Ética. Não há entre elas rompimentos bruscos, mas deslocamentos de **ênfases metodológicas** (FONSECA, 2001). Na Arqueologia, as obras do pensador tratam das práticas discursivas de certos **domínios do saber**. O método arqueológico não leva em conta a verdade ou a falsidade dos enunciados propostos em cada um dos domínios que analisa, ou seja, não interessou a Foucault esclarecer ou discutir a veracidade ou a falsidade dos ensinamentos da medicina, da psiquiatria ou das ciências humanas, mas tratar do que foi dito por essas **ciências** como **discursos-objeto**, buscando esclarecer quais são as regras que regem os discursos científicos (RABINOW e DREYFUS, 1995; FONSECA, 2001).

Após as discussões em Arqueologia, o pensador realizou o primeiro deslocamento de ênfase metodológica das suas obras. Partindo da Genealogia de Nietzsche, e apoiado por ela, passou a investigar e a tematizar as relações entre verdade, teoria, valores e instituições, bem como as práticas sociais nas quais tais relações emergiam. A nova abordagem fez com que ele prestasse atenção e passasse a tematizar as questões relacionadas ao poder (RABINOW e DREYFUS, 1995). Nessa **etapa**, também apresentou e discutiu a biopolítica. Discussão essa que se finalizou com a discussão sobre a governamentalidade. A partir dela, Foucault realizou o segundo deslocamento de ênfase metodológica (ORTEGA, 1999; FONSECA, 2001) em suas obras, que resultou na terceira delas, conhecida como Ética. Nesse período, passou a tratar das diferentes formas de constituição do sujeito por meio de procedimentos de uma Ética apoiada na reflexão sobre si, sem que nesse processo houvesse a presença prescritiva de códigos, interditos e mecanismos disciplinares (FONSECA, 1995). A analítica do poder desenvolvida pelo pensador, que está localizada na etapa genealógica das suas obras, será detalhada a seguir.

3.2. A analítica do poder

Pode-se dizer que Foucault possui uma teoria do poder? Não, o termo **teoria** não é o mais adequado para compreender o que foi desenvolvido pelo pensador em suas discussões sobre o assunto. Michel Foucault (1995) considera que a questão do poder não é apenas teórica, mas faz parte de nossa experiência e é mais compreensível quando analisada dentro de racionalidades específicas. Para o pensador, “não existe algo unitário chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social” (MACHADO, 1979, p. X).

* Para uma revisão aprofundada das obras de Michel Foucault, veja: Rabinow e Dreyfus (1995), Ortega (1999) e Fonseca (2001).

Assim, para caracterizar o trabalho desenvolvido pelo pensador sobre o assunto, o mais correto é falar em uma analítica do poder, pois o que está em jogo é “determinar quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, esses diferentes dispositivos de poder que se exercem em níveis diferentes da sociedade, em campos e com extensões tão variadas” (FOUCAULT, 1999a). Na sua analítica do poder, Michel Foucault analisa três mecanismos de poder: os suplícios, as disciplinas e a biopolítica. Na realidade, as análises das disciplinas e da biopolítica surgem em oposição ao mecanismo dos suplícios.

O **regime dos suplícios** ocorreu durante as monarquias pré-capitalistas, quando a punição dos que atentavam contra a ordem social ocorria por meio de rituais sanguinários de tortura, humilhação e massacre público. Esses rituais expressam que o erro, o crime e a punição se intercomunicavam e se ligavam sob a forma de uma atrocidade pública cometida contra os contraventores. A idéia era fazer do criminoso um exemplo para que as pessoas evitassem transgredir as regras. Tais rituais representavam a mecânica do poder de punir das monarquias para as quais a desobediência era um ato de hostilidade. Assim, na falta de uma vigilância ininterrupta, procuravam a renovação de seu efeito no brilho e na força de suas manifestações singulares reiterando e ostentando ritualmente a sua realidade de superpoder (FOUCAULT, 1987).

Todavia, no final do século XVIII e início do século XIX, o ritual das punições começou a extinguir-se por dois motivos. O primeiro deles era que a nova ordem capitalista que se instaurava não precisava somente punir os crimes, mas também evitar ao máximo que eles fossem cometidos, ao mesmo tempo que necessitava de uma população com vigor e presa ao aparato de produção. O outro motivo foi o crescimento da consciência dentro das sociedades de que os espetáculos dos suplícios eram desumanos e imorais (FOUCAULT, 1987 e 1999b).

Dessa forma, a questão, presente nos suplícios, de fazer com que o Estado se vingasse dos criminosos, passou, com o capitalismo, a ser de evitar que os crimes fossem cometidos e de majorar a capacidade de as pessoas e de a população produzirem mais, pois essa seria uma forma mais eficiente e econômica de controlar a sociedade e maximizar sua força. Procurava-se agir sobre a vida, por meio de um biopoder, com o intuito de geri-la e majorá-la, exercendo sobre ela controles precisos e regulações de conjunto: “Pode-se dizer que o velho direito de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* à morte” (FOUCAULT, 1988, p.130). Assim, o regime dos suplícios foi sendo paulatinamente substituído por um regime de biopoder, que apresenta dois mecanismos fundamentais: as disciplinas e a biopolítica. Vale frisar que Michel Foucault não considera que essas alterações ocorreram de forma orquestrada e guiada por mentes malignas e dominadoras, mas que elas aconteceram por si sós. Ele também não parte do pressuposto de que as relações econômicas determinam as relações sociais.

Para o autor, enquanto o mecanismo de poder disciplinar funciona sobre os indivíduos no interior de um espaço fechado, atravessado por procedimentos de vigilância, a biopolítica age sobre um conjunto de processos **populacionais**, exercendo sobre eles efeitos de conjunto e regulação (FOUCAULT, 1999b). Em outras palavras, as disciplinas atuam sobre o corpo individual, e a biopolítica sobre o **corpo** coletivo, a população (FOUCAULT, 1999b).

Mais especificamente, as **disciplinas** dizem respeito ao adestramento dos indivíduos, tornando-os dóceis e submissos. Elas impõem um modelo, uma norma previamente estabelecida, padronizando os indivíduos e seus comportamentos. Assim, elas normalizam os indivíduos a partir de um normal definido *a priori*. Para tanto, elas funcionam dentro de um espaço fechado, analisam, decompõem os indivíduos, os lugares e o tempo, classificam os termos decompostos, estabelecem seqüências, ordenações, entre eles, fixam procedimentos de adestramento e de controle e, a partir daí, estabelecem uma separação entre o normal e o anormal, o padronizado e o não-padronizado, o disciplinado e o não-disciplinado, agindo sempre sobre o não-disciplinado para torná-lo normalizado (FONSECA, 1995). Para concretizar-se, a vigilância deve ser exaustiva, ilimitada, permanente e indiscreta. Porém, não deve ser visível como no regime dos suplícios, mas extremamente subliminar. O modelo arquitetural ideal em que as disciplinas operam da maneira mais eficiente possível é o do já amplamente difundido Panóptico* (FOUCAULT, 1987). Dessa forma, o campo das disciplinas diz respeito à série **corpo – organismo – disciplina – instituições** (FONSECA, 2001).

A **biopolítica**, por sua vez, não age sobre cada indivíduo especificamente, mas sobre o conjunto das pessoas. O campo da biopolítica é determinado pela série **mecanismos de segurança – população – governo** (FONSECA, 2001). Ela age sobre um conjunto de processos populacionais, como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, as taxas de reprodução, de natalidade, a fecundidade de uma população, a velhice etc. (FOUCAULT, 1999b). Assim, a biopolítica é uma forma de poder que intervém, sobretudo, para aumentar a vida, controlando seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências globais.

A biopolítica também realiza uma normalização que se dá por meio de mecanismos de regulação, ou mecanismos de segurança, que atuam sobre os processos da vida de um dado conjunto populacional. O que ela procura fazer é agir sobre um grupo de pessoas, não para impor uma norma predeterminada, como no caso das disciplinas, mas para combater certas nor-

* O panóptico é uma prisão em forma de círculo em que no centro há uma torre onde estão os vigias. A luz entra nessa estrutura arquitetônica pelo lado de fora, iluminando cada cela em que estão os prisioneiros. Dessa forma, os vigias sempre podem ver os prisioneiros que não são capazes de saber quando estão sendo vigiados. Essa estrutura foi analisada e discutida por Bentham.

malidades vistas como mais desviantes em relação ao que se poderia definir como uma **curva normal geral**. Os mecanismos de segurança procuram conduzir as curvas desfavoráveis de uma dada variável populacional a estados mais favoráveis.

Assim, nesses mecanismos, o comportamento considerado normal é extraído da população analisada. Dessa forma, primeiro são estudadas as diferentes curvas de normalidade e somente depois se fixa a norma. Essa norma é sempre específica para um grupo determinado (uma dada população) em relação a uma situação determinada (por exemplo, uma doença) (FONSECA, 2001). Os mecanismos de segurança possuem características específicas: lidam com uma série de eventos possíveis e prováveis, avaliam por meio de cálculo de custos comparativos e não prescrevem uma demarcação binária entre permitido e proibido, normal e anormal, mas agem por meio da especificação de uma média ótima com uma variação tolerável (GORDON, 1991). Para majorar os elementos positivos e minimizar os negativos, tanto atuais quanto futuros, os mecanismos de segurança trabalham com previsibilidades, riscos e probabilidades de ocorrências.

Nos mecanismos de segurança está em jogo a gestão de séries abertas de elementos que se deslocam de forma indefinida (bens, pessoas, doenças), a partir de probabilidades e estatísticas (FONSECA, 2001). Os procedimentos da biopolítica não implicam uma exclusão ou uma disciplina, mas são caracterizados por uma forma de atuação de **governo**, no sentido da **condução de condutas** tendo por foco central atuar sobre os processos inerentes à vida. É nesse ponto que Michel Foucault entra no último tema de sua análise do poder: a governamentalidade ou **artes de governar** (FONSECA, 2001).

A governamentalidade concerne à natureza da prática de governar e ao como se governa. Ela caracteriza-se por uma prática de soberania política que busca governar as pessoas em conjunto, ao mesmo tempo que se preocupa com cada indivíduo, ou seja, uma gestão que procura ser, concomitantemente, totalizante e individualizante e que atua dentro de uma lógica governamental específica. Em seus cursos no *Collège de France* entre 1979 e 1981, Michel Foucault realizou a análise de alguns tipos de governamentalidade: a Pastoral Cristã, a Razão de Estado, o Liberalismo, o Neoliberalismo Alemão e o Neoliberalismo Americano (GORDON, 1991). As diferentes governamentalidades possuem em comum o fato de, ao mesmo tempo, induzirem uma gestão dentro de uma lógica específica para cada época e fornecerem a possibilidade da **salvação** para os indivíduos, por meio da apresentação de uma verdade que quer ser aceita, que quer se impor. As **artes de governar** aplicam-se à vida cotidiana das pessoas, caracterizando-as e marcando suas identidades (FOUCAULT, 1995).

Com a sua discussão sobre os mecanismos de segurança e as **artes de governar**, Michel Foucault ampliou as suas análises das disciplinas e agregou à sua análise do poder outros domínios (os processos da vida em uma dada população), outras práticas (práticas de gestão das condutas dos homens) e

outras instâncias (o Estado e seus aparelhos administrativos) em relação às que foram realizadas na análise das disciplinas (FONSECA, 2001).

A relação entre poder/saber perpassa toda a analítica do poder foucaultiana. A idéia geral é a de que todo ponto em que se exerce poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saberes. O hospital pode mostrar isso, já que não é apenas uma máquina de cura, mas também um instrumento de produção, acúmulo e transmissão de saber sobre os seres humanos e a sua saúde. Da mesma forma, a escola está na origem da pedagogia e o hospício na da psiquiatria (MACHADO, 1979). A biopolítica também se exerce gerando saberes sobre uma dada população. Além disso, quando os saberes são criados, o que está sendo criado, concomitantemente, é um tipo específico de regime de verdade. Assim, a verdade não existe fora das relações de poder. Eles servem também para sustentar as relações de poder (FOUCAULT, 1979).

Outro aspecto que perpassa a analítica do poder é a idéia de que o sujeito se constitui, historicamente, a partir das relações de poder. Por exemplo, os mecanismos das disciplinas produzem cada indivíduo, elaboram sua história e a arquivam, distribuem os indivíduos no espaço de forma particularizada, elaboram suas atividades, controlam e relacionam seu tempo e os combinam com outros indivíduos. Nas disciplinas, todo indivíduo é singularizado, tem o *status* de possuidor de uma identidade que traz a marca da utilidade e da docilidade (FONSECA, 1995). Assim, as escolas produzem os estudantes; as fábricas, os trabalhadores; as prisões, os delinquentes; os manicômios, os loucos. Ao tentar impor uma verdade aos indivíduos, as **artes de governar** também criam sujeitos presos a relações de poder.

As discussões sobre a questão da resistência são tratadas por Foucault em dois momentos de sua análise do poder. Primeiro, quando tratava das disciplinas, tinha como pressuposto a idéia de que a resistência é o outro termo das relações de poder, ou seja, onde havia poder, havia resistência (FOUCAULT, 1987). Nas suas discussões sobre a biopolítica, com a ampliação de suas análises sobre o tema poder, quando passou a analisar o seu exercício como **condução de condutas**, Michel Foucault discutiu a possibilidade de as pessoas exercerem uma **atitude crítica** que significa a recusa de ser governado (FONSECA, 2001).

Por fim, vale destacar que Foucault (1999b) argumenta que a possibilidade de haver uma articulação entre as disciplinas e a biopolítica ocorre na norma, pois ela pode ser aplicada tanto a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regular. A sociedade de normalização, adverte, não é somente uma sociedade em que imperam as instituições e o modelo disciplinar. Ela é uma sociedade em que se cruzam a norma da disciplina e a norma da regulamentação. Dizer que o poder tomou posse da vida, no século XIX até os dias de hoje, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que engloba tanto a mecânica do corpo quanto a mecânica da população (FOUCAULT, 1999b).

4. INVENTARIANDO O USO DAS IDÉIAS DE MICHEL FOUCAULT EM TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES

Neste tópico, serão apresentados dados da pesquisa realizada em periódicos, a fim de levantar as características dos artigos que utilizaram a perspectiva foucaultiana para a construção do seu argumento, como base analítica na área de teoria das organizações.

4.1. Procedimento de coleta de dados

A busca foi realizada nos seguintes principais periódicos em teoria das organizações: *Administrative Science Quarterly*, *Academy of Management Review*, *Academy of Management Journal*, *Organization Studies*, *Organization*, *Human Relations*, *Organizational Science* e *The Journal of Management Studies*, entre os anos de 1975 e o primeiro semestre de 2002. Procuraram-se, na bibliografia de todos os artigos, aqueles que mencionavam obras de Michel Foucault. No total, foram selecionados 183 artigos que referenciaram ao menos uma obra do autor. Vale destacar que o primeiro artigo que se utiliza das obras de Michel Foucault foi encontrado somente no ano de 1986.

Em seguida, analisou-se o conteúdo de cada um deles e selecionaram-se para a análise final somente os artigos que utilizavam as noções desenvolvidas pelo filósofo como base analítica para a construção dos seus argumentos ou para a interpretação de dados empíricos. Assim, artigos que somente referenciavam Foucault sem utilizar suas idéias para a construção do argumento foram desprezados.

Após essa segunda seleção, restou um total de 47 artigos, os quais foram catalogados de acordo com os seguintes dados: autor, ano, periódico, tema, objetivo do artigo, uso de Foucault (quais noções foucaultianas foram empregadas), utilização de noções e conceitos desenvolvidos por outros autores além de Foucault e metodologia declarada. Na análise a ser realizada aqui, serão consideradas somente as informações relativas a tema, noções foucaultianas empregadas nos artigos e autores utilizados além de Michel Foucault. A frequência dos artigos por ano na amostra selecionada é apresentada no quadro 1.

Conforme consta no quadro 1, a maioria dos artigos da amostra está concentrada entre os anos de 1992 e 2001, com exceção de 1994, quando há somente um artigo publicado. Em outras palavras, percebe-se que a partir do início da década de 1990 houve aumento do uso das idéias de Foucault como fundamento de artigos. Isso ocorreu provavelmente devido ao incremento, na teoria das organizações, da utilização de noções desenvolvidas por autores considerados como pós-modernos e ao aprofundamento do embate entre marxistas e foucaultianos na *Labour Process Theory*. Em termos de metodologia declarada, os artigos da amostra estão assim divididos: 24 são ensaios teóricos, 15 são estudos de caso e 8 são análises de discurso.

Quadro 1
Frequência de Artigos por Ano

Ano	Frequência
1986	1
1987	0
1988	1
1989	3
1990	0
1991	1
1992	5
1993	4
1994	1
1995	3
1996	3
1997	4
1998	6
1999	8
2000	4
2001	1
2002	2
Total	47

A seguir são apresentadas as principais características dos artigos analisados, na seguinte ordem: tema, noções foucaultianas empregadas e autores utilizados além de Michel Foucault.

4.2. Temas dos artigos

Como se pode observar no quadro 2, os artigos analisados contemplam diferentes temas, que vão de mecanismos de controle nas organizações até relações de gênero. Os teóricos organizacionais empregam noções foucaultianas para submeter as organizações e a sua teoria ao crivo crítico, denunciar mecanismos de controle em operação nas organizações, discutir relações de poder no contexto organizacional, bem como argumentar como a perspectiva foucaultiana poderia fundamentar novos tipos de análise das organizações e de

suas teorias. A maioria dos temas analisados diz respeito a questões relativas a poder e controle nas organizações.

Quadro 2
Frequência de Temas

Temáticas	Frequência
Crítica às teorias em análise das organizações	12
Poder e construção de verdade	9
Denúncia de mecanismos de controle	9
Relações de poder em contexto organizacional	5
Construção de subjetividade e poder	4
Crítica à utilização de Foucault	4
Gênero	2
Renovação da análise das organizações a partir de Foucault	2
Total	47

4.3. Noções foucaultianas empregadas nos artigos

O quadro 3 mostra a frequência de noções desenvolvidas por Michel Foucault utilizadas para construir a argumentação dos artigos presentes na base de dados. Vale frisar que as no-

Quadro 3**Noções Foucaultianas Fundamentais Utilizadas**

Noções Foucaultianas	Frequência
Poder disciplinar	20
Poder/saber	8
Poder como relação	8
Visão geral	4
Arqueologia	2
Construção da subjetividade	2
Outros	3
Total	47

Em 20 artigos, os autores extraíram do pensamento de Foucault a noção de poder disciplinar para a realização de suas análises. Em oito artigos, eles apropriaram-se da noção de poder/saber e a complementaram com a questão da relação entre poder e verdade, com os demais pontos da analítica do poder foucaultiana, com a noção da constituição da subjetividade do sujeito pelas relações de poder, com a relação entre poder, discurso e resistência, com a noção de poder como relação e com poder e verdade. Em outros oito artigos os autores empregaram a noção de que o poder não é algo possuído, mas que existe somente como relação. Quatro autores fizeram uma revisão geral das obras de Michel Foucault: dois para apresentar novos caminhos para o estudo das organizações; um para mostrar as incoerências entre os artigos que empregaram as noções de Foucault e as suas obras em si; e outro para realizar uma leitura realista-positivista de Foucault. A arqueologia foi utilizada em dois artigos. A idéia de que a subjetividade é constituída por meio das relações de poder foi utilizada por dois autores. Quanto ao método genealógico, a governamentalidade, a liberdade e a resistência foram idéias discutidas cada uma em um artigo. Pelo exposto, percebe-se que as obras de Michel Foucault estão sendo empregadas pelos teóricos organizacionais para discutir a questão do poder em contexto organizacional, especialmente o mecanismo do poder disciplinar em ação nas organizações. São recorrentes também as discussões sobre poder/saber e sobre poder como relação. Os demais aspectos das obras do pensador aparecem de forma pontual nos artigos analisados.

4.4. Autores utilizados além de Michel Foucault

Nesta análise, nota-se que, em número significativo de artigos, os autores utilizaram noções foucaultianas em conjunto com as de outros autores. No quadro 4 consta a frequência dos autores que aparecem associados a Foucault na construção do argumento dos textos analisados.

ções aqui apresentadas estão muitas vezes inter-relacionadas nas obras do pensador, como se viu anteriormente. Todavia, nesta análise dos textos selecionados, percebe-se que os autores em teoria das organizações as utilizam de forma dissociada, como se fossem instrumentos que atendem a necessidades específicas de argumentação.

Os autores de 16 artigos utilizaram somente as noções desenvolvidas por Michel Foucault como fundamento para a construção do argumento de seus artigos. No entanto, a maioria utilizou como base conceitual, além de idéias desenvolvidas por Foucault e pelo segundo autor mencionado no quadro 4, idéias e noções oriundas de outros autores que contribuem

para a construção da argumentação desenvolvida. Assim, Habermas e Foucault aparecem como base analítica para a construção do argumento de seis artigos: noções desenvolvidas somente pelos dois autores estão presentes em três artigos, nos demais os dois pensadores aparecem juntamente com Orwell, com idéias derivadas da fenomenologia transcendental e com Dilthey. Em outros seis artigos foram utilizadas as idéias de Marx e Foucault como fundamento. As idéias de Derrida aparecem três vezes, em *Actor-Network Theory*, Lyotard e Saussure. Giddens e Foucault também aparecem em três casos. Em dois dos artigos analisados foram utilizadas as noções desenvolvidas por Freud e Foucault. Em outros dois foram empregadas as idéias de Max Weber e Foucault. Conceitos teóricos da psicossociologia, teorias de estratégia, *Actor-Network Theory* – relacionada com a Escola de Frankfurt (Adorno e Marcuse) –, Bahaskar, Dawey, teorias feministas, teorias sobre gênero, Goffman e Larsh aparecem com as noções foucaultianas somente em um artigo cada.

Pelo apresentado, pode-se notar que, embora haja número substancial de artigos que empregam majoritariamente noções foucaultianas, parcela significativa realiza junções de noções e conceitos oriundos de diversos pensadores. Vale frisar que nos artigos analisados não são feitas discussões ou análises sobre a compatibilidade dessas utilizações.

5. PROBLEMATIZANDO A PRODUÇÃO EM TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES FUNDAMENTADA NAS IDÉIAS DE MICHEL FOUCAULT

Neste tópico, serão problematizadas as características da produção acadêmica em teoria das organizações que possui como fundamento as idéias de Michel Foucault.

Em primeiro lugar, como já se disse, a disseminação das idéias do pensador em teoria das organizações ocorreu mediante a abertura do campo para a perspectiva pós-moderna, pois a maioria dos teóricos organizacionais classifica o tipo de tra-

Quadro 4**Autores Utilizados além de Foucault**

Autores	Frequência
Somente Foucault	16
Habermas	6
Marx	6
Derrida	3
Giddens	3
Freud	2
Weber	2
Outros	9
Total	47

balho fundamentado nas suas idéias como trabalhos pós-modernos (BURRELL, 1988; CALÁS e SMIRCICH, 1999; COOPER e BURRELL, 1988). Contudo, seria coerente com os trabalhos de Michel Foucault classificá-los como tal?

Rabinow (1999), um dos mais respeitados estudiosos do filósofo, avalia que suas obras se opõem ao que chama de anti-pensadores: os pós-iluministas e os pós-modernos. Quando se classifica as obras de Michel Foucault como pós-modernas, acaba-se circunscrevendo seu pensamento a um campo limitado e disciplinado do saber. Com isso, além de criar-se um saber disciplinado sobre o que ele fez, gera-se um discurso de verdade sobre sua obra que induz a uma maneira **correta e verdadeira** de compreendê-la e, assim, analisar suas contribuições.

Conceitos e noções teóricas surgem dentro do contexto da obra de autores e formam conjuntos complexos de teorias. Quando extraídos sem a devida relativização, a chance de cometerem-se absurdos teóricos é muito grande.

O que parece mais temerário em classificá-lo como tal é o fato de o pensador ter dedicado boa parte de suas obras à denúncia desses mecanismos classificatórios, discutindo como eles constituem disciplinas com interpretações **verdadeiras** sobre uma dada realidade e como a verdade é contingente a uma dada época e a um dado período. Burrell (1996) reconhece a limitação de classificar como pós-modernas as obras de um autor com idéias complexas e “posicionamentos teóricos imprecisos”. Portanto, a despeito de o início da utilização das noções desenvolvidas por Foucault na análise das organizações ter ocorrido por meio da introdução de pensadores tidos como pós-modernos nesse campo de estudo, classificá-lo como tal é simplificar seu legado e ir contra aspectos importantes de suas obras.

Ademais, há um problema específico com a categoria de classificação **pós-moderno**. Ela pode ser vista, somente para citar alguns exemplos, como um movimento artístico (HASSARD, 1993), como novas perspectivas de estudo (PARKER, 1992), como características de um novo tipo de sociedade (BAUMAN, 1988a e 1988b) e como um novo tipo de organização (CLEGG, 1990), sem que haja coerência entre essas diferentes vertentes. Trata-se, na verdade, de uma categoria bastante ampla e carente de unidade.

Um segundo aspecto a se destacar é que, conforme o apresentado, a maior parte dos textos realizados em análise das organizações com base nas obras de Michel Foucault apropriou-se da noção de poder disciplinar. Quando empregadas

nos artigos, na maioria das vezes as demais noções surgem a partir da análise das disciplinas em operação no contexto de organizações específicas.

Recordando a analítica do poder, percebe-se que o próprio Foucault reconheceu a importância das disciplinas nas dinâmicas de instituições. Todavia, com os desdobramentos de suas análises, o pensador ampliou a analítica do poder com as discussões a respeito da biopolítica. Foucault (1988) discutiu claramente a relevância da biopolítica e de sua articulação com os mecanismos disciplinares para a compreensão das relações de poder na sociedade coetânea.

Dessa maneira, focar a análise do poder, a partir dos trabalhos de Michel Foucault, somente na questão das disciplinas e dos seus mecanismos, é negligenciar parte importante das suas idéias. Por isso, ao analisarem pontualmente a questão do poder disciplinar nas organizações, os teóricos organizacionais tocam em um ponto crucial, mas deixam de lado outros aspectos vistos pelo próprio Foucault como fundamentais para a compreensão da dinâmica das relações de poder na sociedade atual, bem como nas organizações nela inseridas.

Corroborando esse fato, a noção de poder disciplinar consegue **dar conta sem limitações** de analisar as relações de poder presentes no **paradigma** taylorista/fordista de produção (McKINLAY e STARKEY, 1998). No entanto, quando os teóricos organizacionais se voltam para a análise de ferramentas de gestão atuais – como *empowerment* (HARDY e LEIBA-O’ SULLIVAN, 1998), culturas corporativas (WILLMOTT, 1993), equipes de trabalho (BARKER, 1993) etc. –, notam que o poder disciplinar não aparece de forma **pura**, embora seja uma noção importante para compreender parte das dinâmicas das relações de poder. Assim, há nuances e variações sobre a operação do poder nas organizações que a noção de disciplina não consegue explicar, pois características de relações de poder não-disciplinares estão cada vez mais presentes nas organizações (MUNRO, 2000).

Surge, então, um quadro em que os teóricos organizacionais fundamentados nos escritos de Michel Foucault não estão conseguindo dar conta da realidade observada com as noções que empregam, apesar de a analítica do poder possuir **instrumentos** adequados para esse fim. Além disso, não foram encontrados entre os artigos analisados aqueles que discutissem a questão do poder fora da dinâmica interna das organizações, ou seja, como as diferentes organizações exercem poder sobre as pessoas fora de suas fronteiras, e a lógica externa que influencia a adoção dos mesmos mecanismos de controle por diferentes organizações. Não só a governamentalidade poderia ser muito útil nesse sentido, mas também a possibilidade de analisar as articulações entre mecanismos de disciplinarização e de regulação em contextos organizacionais específicos, discussão que não apareceu na amostra pesquisada.

Em muitos artigos, os autores deixam transparecer a idéia de que há um comandante da lógica das disciplinas e que as relações de poder nas empresas são coordenadas por gestores

exploradores que as impõem sobre os demais empregados, como se eles estivessem livres dos seus efeitos e vivessem à margem das relações de poder. Tais considerações são absurdas para a analítica do poder, que considera as relações de poder como estratégias sem comandantes de suas racionalidades e como estruturantes da sociedade em seus menores espaços (MACHADO, 1979).

Uma terceira consideração é que, como se viu anteriormente, dos 47 artigos analisados, somente 16 empregaram as idéias de Foucault para a construção do seu argumento. Os demais utilizaram as idéias de Foucault e de outros autores. Habermas, Marx, Derrida, Giddens, Freud e Weber são os mais recorrentes nos artigos do inventário. Mostrou-se que, quando analisados de forma detalhada, os artigos não ficaram presos somente a conceitos foucaultianos e de mais um autor. Além deles, vasta gama de diferentes abordagens e autores complementaram a base argumentativa dos artigos da amostra, como teorias feministas, teorias de estratégia, psicanálise, teorias de gênero e até mesmo marxismo. Em outras palavras, as idéias de Foucault foram complementadas pelas de outros teóricos e por outras perspectivas.

Outra característica dos artigos da amostra é o fato de as noções foucaultianas utilizadas terem sido abstraídas do seu contexto. Além disso, na argumentação que elaboraram, os autores dos artigos analisados exploraram, ao seu bel-prazer, idéias de autores provenientes de outras áreas das ciências humanas, realizando, na verdade, uma **colcha de retalhos** de conceitos, sem preocupação com contextualizações ou com a compatibilidade das idéias empregadas. Dessa forma, utilizaram conceitos derivados de diferentes matrizes teóricas como se usassem uma **caixa de ferramentas**.

Pode-se perceber isso, por exemplo, no caso da junção entre as idéias da psicanálise e de Foucault. Casey (1999) extrai da psicanálise a questão da influência dos processos primários na atividade humana e de Foucault a questão da construção da individualidade disciplinar. Utiliza-se desses conceitos para interpretar dados empíricos extraídos de entrevistas e pesquisa etnográfica que realizou com o intuito de verificar os processos de disciplina e integração em culturas organizacionais. Outro exemplo é Leflaive (1996), que construiu um artigo apontando as organizações como estruturas de dominação; para tanto, utilizou-se de conceitos foucaultianos, marxistas, habermasianos e de Luhmann para a construção de seu argumento.

Vale frisar, no entanto, que a relação do pensamento foucaultiano com o pensamento psicanalítico não é de complementaridade direta. Há pontos de choque e discordância (CHAVES, 1988). No caso das idéias do marxismo, o mesmo fato se repete. Foucault tem sérias objeções à concepção marxista de poder e ideologia. Com Habermas não é diferente. Foucault teve, inclusive, embates com esse pensador (RABINOW, 1999).

Portanto, verifica-se nos artigos analisados a utilização de idéias complexas como se fossem complementares, ou seja, a

redução sociológica (RAMOS, 1996) está presente de forma marcante na teoria organizacional fundamentada nas idéias de Michel Foucault. Isso não deveria ser feito sem uma análise rigorosa da possibilidade da junção de conceitos e da admissão das simplificações que esse tipo de uso pode causar. Conceitos e noções teóricas surgem dentro do contexto da obra de autores e formam conjuntos complexos de **teorias**. Quando extraídos sem a devida relativização, a chance de cometerem-se absurdos teóricos é muito grande.

Nas análises fundamentadas nas idéias de Foucault os autores empregaram principalmente a questão das disciplinas, deixando de lado outros aspectos relevantes da analítica do poder. Com isso, acabaram por fazer o que criticam, pois realizaram uma utilização **correta** e disciplinada das obras foucaultianas. Quais seriam os motivos disso?

Em primeiro lugar, a obra *Vigiar e Punir* (1987) é a mais famosa do pensador e apresenta a possibilidade de desenvolver paralelos interessantes com as organizações de uma forma geral. Com isso, as pessoas tendem a lê-la de forma isolada, deixando de lado a compreensão da complexidade da analítica do poder foucaultiana. Os autores organizaram seus artigos usando noções foucaultianas fora do contexto da obra do autor como se elas fossem instrumentos isolados, ou seja, parcela significativa das análises com base em Foucault foi realizada com o uso de noções individuais sem que elas estivessem dentro do contexto metodológico da Genealogia. Esse fato se repetiu com as idéias de outros autores utilizadas para complementar as leituras foucaultianas. Isso evidencia que os autores que empregaram noções foucaultianas em suas análises estão marcados por uma visão simplista de conceitos complexos sem as devidas problematizações, ao mesmo tempo que têm grande gosto pela instrumentalização simplificada de conceitos.

Em segundo lugar, a maioria das discussões de Foucault sobre a biopolítica não está disponível ao público, já que faz parte dos cursos ministrados pelo pensador no *Collège de France* e é ainda inédita. Dessa forma, as análises desses temas dependem dos trabalhos de autores como Gordon (1991) e Fonseca (2001), que tiveram contato com os cursos e dão indicações de como Foucault desenvolveu os temas de interesse em teoria das organizações. Portanto, o uso exaustivo das disciplinas pelos teóricos organizacionais pode ser explicado pela instrumentalização simplificada de conceitos e pela relativa ausência de fontes sobre a biopolítica.

6. CONCLUSÃO E POSSÍVEIS DESENVOLVIMENTOS

Neste artigo, levantaram-se as principais características da produção acadêmica em teoria das organizações fundamentada no pensamento de Michel Foucault e problematizou-se a utilização das obras foucaultianas pelos teóricos da área. Nas análises, pôde-se perceber que a produção acadêmica em teoria das organizações baseada nas obras de Michel Foucault trata majoritariamente das disciplinas e deixa de lado outros

aspectos da analítica do poder. Viu-se, também, que há a adoção simplificada da analítica do poder e uma junção acriteriosa de conceitos e noções oriundos de diferentes matrizes epistemológicas. Discutiu-se, ainda, a inadequação da designação **pós-moderno** para classificar as obras de Michel Foucault e suas utilizações em teoria das organizações.

Tendo como pano de fundo a analítica do poder, indicar-se-ão, agora, algumas possibilidades de desenvolvimento para as análises organizacionais foucaultianas. Um ponto que parece fundamental na diferenciação e na complementaridade entre as disciplinas e a biopolítica, mas que não foi explorado nos artigos analisados, é a questão da norma biopolítica e da articulação entre esses mecanismos de poder na norma.

Diante disso, os teóricos organizacionais poderiam utilizar a noção da norma biopolítica para analisar a realidade das organizações, e procurar observar como diferentes empresas possuem diferentes normalidades, que são específicas, e quais são os mecanismos (técnicas de gestão, inovações gerenciais, estratégias de ação, programas organizacionais etc.) utilizados pelas organizações não para disciplinar, mas para criar curvas mais favoráveis, buscando a regulação de seus funcionários.

Assim, poder-se-ia tentar perceber como os mecanismos de regulação estão presentes em diferentes contextos organizacionais, como atualmente as empresas procuram regular os fluxos internos em suas organizações, dando maiores possibilidades de participação para seus empregados, fugindo de um controle disciplinar e buscando um controle de regulação. Nesse aspecto, poder-se-ia analisar como técnicas gerenciais servem para a apreensão de diferentes curvas de normalidade dentro de empresas específicas para, depois, agir sobre as curvas desfavoráveis. Além disso, poder-se-ia investigar a articulação entre a norma disciplinar e a norma biopolítica, ou seja, como diferentes mecanismos de poder, exercidos de forma diferente, se articulam em contextos organizacionais específicos.

Outro ponto passível de ser desenvolvido é o das possíveis contribuições da noção de governamentalidade para a análise organizacional. Mostrou-se na primeira parte que a utilização dessa noção foi muito pouco desenvolvida pelos teóricos organizacionais. A governamentalidade poderia ser de grande valia para a discussão das dinâmicas de governo de organizações e dos instrumentos e mecanismos utilizados para fazer a condução de todos e de cada indivíduo ao mesmo tempo, para conseguir o melhor resultado econômico dessa gestão, procurando ver como se dá e que mecanismos geram as integrações entre as disciplinas e a biopolítica dentro das empresas e demais organizações. A governamentalidade seria pertinente para analisar os mecanismos de poder que **assujeitam** os indivíduos por discursos de verdade específicos e que **vendem**, de forma clara ou velada, a possibilidade de salvação.

De forma complementar, a governamentalidade seria pertinente para analisar as interações de diferentes empresas e organizações que se articulam entre si e utilizam métodos similares, mas que levam em conta suas peculiaridades, ao se inte-

grarem a lógicas comuns. No caso das multinacionais, seria de particular interesse analisar, de forma pormenorizada, os modelos e métodos de gestão impostos às suas subsidiárias pelas centrais, dentro da gestão utilizada para a *multi* como um todo, e as peculiaridades e as variações que assumem em diferentes contextos.

Dentro desse espectro de análise, poderia ser investigado o tipo de regulação que uma lógica mais geral, tanto nacional quanto internacional, impõe às diferentes organizações por meio de mecanismos nacionais (agências de regulação, legislações específicas, órgãos de ministérios) e de mecanismos internacionais (Organização Mundial do Comércio e Organização Internacional do Trabalho, além de Organizações Não-Governamentais como *Greenpeace* e *Corporate Predators*). A noção de governamentalidade poderia ser particularmente interessante para analisar como esses mecanismos afetam diretamente o tipo de gestão desenvolvido nas organizações e o tipo de instrumentos e técnicas de gestão implementados para geri-las. Liberações de crédito e aceitação de produtos dependem, muitas vezes, do cumprimento de regras, como não utilizar mão-de-obra infantil, não degradar o meio ambiente e adotar técnicas de gestão específicas (como sistemas de auditoria, SAPs ou ISO-9000). Assim, tais integrações poderiam ser analisadas e pormenorizadas, discutindo como elas afetam a forma do governo e da condução de condutas dentro das empresas.

A analítica do poder poderia, por fim, ser empregada na teoria das organizações para aprofundar as discussões sobre a dinâmica entre poder e resistência. Os autores dos artigos da amostra analisada discutem a resistência nas organizações pela ótica do choque das relações de poder, ou seja, considerando-a como indissociável dessas relações, pois são seu outro termo. A idéia fundamental é a de que onde há poder, há resistência. A noção de **atitude crítica** amplia esse espectro, pois com ela se pode resistir às formas de um governo (compreendido como conjunto de mecanismos de condução de condutas), já que existe a possibilidade de recusar ser governado.

Assim, se as **artes de governar** procuram **assujeitar** os indivíduos por meio de mecanismos de poder que buscam para si uma verdade no interior da realidade de uma prática social, a **atitude crítica** é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre os efeitos do poder do governo e interrogar o poder sobre seus discursos de verdade (FONSECA, 2001, p.272). Poder-se-iam investigar as **atitudes críticas** tomadas pelos indivíduos em diferentes contextos organizacionais, seus significados, suas formas de atuação e suas consequências. Seria interessante analisar os motivadores dessas atitudes nos contextos específicos e as suas formas de expressão, além de observar as diferenças dessas atitudes no nível individual e no nível coletivo.

Pelo que se acabou de expor, indicou-se que é possível ampliar o uso de noções foucaultianas em teoria das organizações, trazendo novas luzes para o tema do poder e evitando simplificações analíticas. ◆

- ALVESSON, M.; WILLMOTT, H. *Making sense of management*. London: Sage, 1996.
- _____. *Critical management studies*. London: Sage, 1997.
- BARKER, J. Tighting the iron cage: concentive control in the self management team. *Administrative Science Quarterly*, Cornell, v.38, n.3, p.373-398, 1993.
- BAUMAN, Z. Is there a postmodern sociology? *Theory, Culture and Society*, London, v.5, n.2, p.245-289, 1988a.
- _____. Viewpoint: sociology and postmodernity. *Sociological Review*, Keele, v.36, n.6, p.73-96, 1988b.
- BRAVERMAN, H. *Labor and monopoly capital*. New York: Monthly Review Press, 1974.
- BURRELL, G. Modernism, post-modernism and organization analysis 2: the contribution of Michel Foucault. *Organization Studies*, London, v.9, n.2, p.367-396, 1988.
- _____. Normal science, paradigms, metaphors, discourses and genealogy of analysis. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. *Handbook of organization analysis*. London: Sage, 1996.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. *Sociological paradigms and organization analysis*. London: Routledge, 1979.
- CALÁS, M.; SMIRCICH, L. Past posmodernity? Reflections and tentative directions. *Academy of Management Review*, Atlanta, v.24, n.4, p.253-275, 1999.
- CASEY, C. Come, join our family: discipline and integration in corporate organizational culture. *Human Relations*, Tavistock, v.52, n.2, p.527-553, 1999.
- CHAVES, E. *Foucault e a psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- CLEGG, S. *Modern organizations*. London: Sage, 1990.
- CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. *Handbook of organization analysis*. London: Sage, 1996.
- COOPER, D.; BURRELL, G. Modernism, postmodernism and organizational analysis. *Organizational Studies*, London, v.9, n.1, p.126-159, 1988.
- FEATHERSTONE, M. In pursuit of the postmodern: an introduction. *Theory, Culture and Society*, London, v.5, n.2, p.345-380, 1988.
- FONSECA, M. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 1995.
- FONSECA, M. *Foucault e o direito*. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil.
- FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: MACHADO, R. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e a hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. 2ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999a.
- _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.
- FOURNIER, V.; GREY, C. At the critical moment: conditions and prospects for critical management studies. *Human Relations*, Tavistock, v.53, n.1, p.183-227, 2000.
- GORDON, C. Governmentality. In: BURCHELL, G.; GORDON, C.; MILLER, P. *The Foucault effect: studies in governmentality*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HARDY, C.; LEIBA-O'SULLIVAN, S. The power behind empowerment: implications for research and practice. *Human Relations*, Tavistock, v.51, n.4, p.378-403, 1998.
- HASSARD, J. *Sociology and organization analysis: positivism, paradigms and post-modernism*. Cambridge: University of Cambridge, 1993.
- KNIGHTS, D. Writing organizational analysis into Foucault. *Organization*, London, v.9, n.4, p.112-147, 2002.
- KNIGHTS, D.; WILLMOTT, H. Power and subjectivity at work: from degradation to subjugation in social relations. *Sociology*, v.23, n.4, p.156-188, 1989.
- LEFLAIVE, X. Organizations as structures of domination. *Organization Studies*, London, v.17, n.1, p. 456- 491, 1996.
- MACHADO, R. Por uma arqueologia do poder. In: MACHADO, R. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- McKINLAY, A.; STARKEY, K. *Foucault, management and organization theory*. London: Sage, 1998.

- MUNRO, I. Non-disciplinary power and the network society. *Organization*, London, v.7, n.4, p.315-357, 2000.
- ORTEGA, F. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- PARKER, M. Critique in the name of what? Postmodernism and critical approaches to organization. *Organization Studies*, London, v.16, n.4, p.412-460, 1992.
- _____. Capitalism, subjectivity and ethics: debating labour process analysis. *Organization Studies*, London, v.20, n.1, p.219-241, 1999.
- PORTOCARRERO, V.; BRANCO, C. *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2000.
- RABINOW, P. *Antropologia da razão*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- RABINOW, P.; DREYFUS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e a hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- RAMOS, G. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.
- SEWELL, G. The discipline of teams: the control of team-based industrial work through electronic and peer surveillance. *Administrative Science Quarterly*, Cornell, v.43, n.2, p.416-455, 1998.
- SILVERMAN, D. *The theory of organization*. London: Heinemann Educational Books, 1971.
- SOKAL, A.; BRICMOT, J. *Fashionable nonsense: postmodern intellectuals' abuse of science*. New York: Picador, 1999.
- THEMED section on Foucault, management and history. *Organization*, London, v.9, n.4, p.316-345, 2002.
- ÜSDIKEN, B.; PASADEOS, Y. Organizational analysis in North America and Europe: a comparison of co-citation networks. *Organization*, London, v.16, n.3, p.411-467, 1995.
- WEICK, K. *The social psychology of organizing reading*. Cambridge: Addison-Wesley, 1969.
- WILLMOTT, H. Strength is ignorance, slavery is freedom: managing culture in modern organizations. *Journal of Management Studies*, Leeds, v.30, n.4, p.412-461, 1993.
- WRAY-BLISS, E. Abstract ethics, embodied ethics: the strange marriage of Foucault and positivism in labour process theory. *Organization*, London, v.9, n.1, p.289-314, 2002.

Michel Foucault, power and organizational theory

Michel Foucault's works has been used widespread in different areas of social studies. The same is true to Organizational Theory (OT), specially to analyze power related issues. Despite his ideas has been used by many authors in OT, few critical analysis has been carried out about its usage. The aim of this paper is to analyze critically the uses of Foucault's ideas in OT. To do so, we present the main aspects of that usage and analyze taking into account Michel Foucault's own work.

Uniterms: Michel Foucault, power, organizational analysis.

Michel Foucault, poder y la teoría de las organizaciones

Se han utilizado los trabajos de Michel Foucault en diferentes áreas de las ciencias humanas. Lo mismo está ocurriendo en el campo de la teoría de las organizaciones, en especial, para analizar relaciones de poder en contexto organizacional. Y, a pesar de la influencia significativa en el área, no hay discusiones sobre cómo se están utilizando las obras del autor. El objetivo de este artículo es el de sistematizar los estudios el los que se han utilizado las ideas del pensador en teoría de las organizaciones, y el de indicar algunos caminos para ese tipo de análisis.

Palabras clave: Michel Foucault, poder, teoría de las organizaciones.